

# O FOLHETIM

PUBLICAÇÃO DIARIA DE ROMANCES

DIRIGIDA POR VISCONTI COARACY E SANTOS CARDOSO

ASSIGNA-SE  
na  
Rua do Hospício 85

Preço da assignatura por mez

Para a Côrte..... 1\$000  
Para as Províncias... 1\$500

AS ASSIGNATURAS  
começam  
no 1.º de cada mez

## A DESFORRA DE UM DEFUNTO

XX

(Continuação.)

Sacco-de-Gêso era uma natureza viciada; no fundo, porém, restavam-lhe ainda alguns sentimentos bons.

Dous entes tinham exercido sempre na sua vida e nas suas resoluções uma influencia enorme.

Primeiro, sua mãe, e mais tarde Francina. Sua mãe maltratára-o sempre, elle a havia abandonado, e por cousa nenhuma desta vida teria voltado para a sua trapeira. A imagem della, porém, acudia-lhe ás vezes ao pensamento; tornava elle a vê-lhe o rosto pallido, os grandes olhos tristes, cingidos de um circulo escuro e queimados pela febre.

Nesses dias, ninguém lhe fallasse em devassidões; ficava feroz, sombrio e taciturno.

Quanto á Francina, era cousa diversa.

Votava-lhe uma especie de culto... Bastava o nome della, pronunciado por voz indifferente, para que elle estremecesse.

O dinheiro que lhe offereciam tentava-o enormemente; para obtê-lo, porém, necessitava fazer uma cousa que devia penalisar Francina... e elle não respondeu logo ás propostas que lhe eram feitas.

— Então, recusas? disse Polichinello com despeito.

— E não queres ganhar as dez notas de mil francos que te offerecemos? insistiu o conde.

Sacco-de-Gêso continuava calado.

De repente bateu na testa e correu para uma folhinha que estava pendurada junto á chaminé.

— Esperem! disse.

E com o dedo tremulo procurou uma data no calendario.

Polichinello e o conde não comprehendiam o que aquillo queria dizer, e aguardavam a explicação.

— E' isto mesmo! sim, é isto mesmo! exclamou logo o rapaz; aqui está o mez... aqui está a data... é depois de amanhã...

— Que significa isto? começou o conde com impaciencia.

— Isto significa que depois de amanhã podem contar comigo, pois que depois de amanhã é o dia 24, e nesse dia Francina estará ausente de casa desde as nove horas da manhã até ás cinco da tarde.

— Que mysterio a attrahe então, no dia 24, fóra da rua de la Harpe? perguntou Polichinello.

Sacco-de-Gêso tomou um ar estranho.

— Isso, respondeu elle, é um segredo que sorpreendi casualmente.

— Ah!

— Foi no anno passado; havia algum tempo que aquillo me intrigava... e, palavra de honra! não pude conter-me, segui-a!

— Ella ia a alguma entrevista.

me pareciam um tanto suspeitosos.... Caminhava depressa, sem olhar para as lojas, ella que é sempre tão curiosa... e envolvia-se toda no seu chale preto para resguardar-se do vento, que soprava rijo nesse dia.

— E depois?... depois?...

— Depois? eis que de repente, ao voltar a esquina de uma rua, a refrega levanta-lhe o chale; e sabem o que vi na mão de Francina?

— Que foi?

— Uma corôa de perpetuas!... Ah! para os senhores isso seria indifferente; pois a mim, commoveu-me...

— Ora! grande cousa! disse Polichinello; todos os dias se encontra gente, nas ruas de Pariz, levando comsigo corôas de perpetuas. Francina ia ao Pere-Lachaise, eis ahi.

— Nisso é que se engana, Sr. Langlois! retorquiu o rapaz.

— Aonde ia ella então?

— A' rua Soly...

Polichinello, que até alli pouco interessado se mostrava pela historia de Sacco-de-Gêso, estremeceu de repente e trocou rapido olhar com o conde des Aiglades.

— A' rua Soly!... repetiu elle; Francina ia á rua Soly?

— Que ha nisso de admirar?

— Nada... nada... Mas sabes tambem a que casa foi?

— Sem duvida,



— E essa casa?

— Oh! é muito facil de conhecer-se... é a setima, entrando pela rua de la Jussienne... e está a cargo da tia Germana.

Polichinello calou-se.

Evidentemente, havia na narração do rapaz certas particularidades que o intrigavam grandemente; elle, porém, tratou de disfarçar.

— Bem! disse em tom indifferente; esperaremos até o dia 24... mas confiamos em ti... e nesse dia irás á casa de Francina.

— Prometto.

— Muito bem!

E Polichinello voltou-se ao mesmo tempo para o conde.

— Quanto a nós, accrescentou em voz baixa, iremos depois de amanhã á rua Soly, pois necessitamos saber o que vai Francina fazer assim periodicamente á casa da tia Germana!

## XXI

Ocioso é dizer que apoz a partida de Lorin o velho Louvet não se conservára inactivo.

Tratava-se de preparar ao barão de Lorsay uma recepção digna delle, e seis homens intelligentes lhe pareceram sufficiente reforço.

de todas as portas, escolheu o seu posto de observação junto á que deitava para os Campos-Elysios, e, uma vez terminados esses preparativos, esperou, de olhos e ouvido attentos, aquelle a quem devia capturar.

Não foi longa a espera.

Havia apenas meia hora que elle estava encostado ao muro, com os pés apoiados em uma comprida escada e com a cabeça escondida por traz de uma moita de plantas parasitas, quando ouviu o rodar de um carro que avançava na direcção do palacete.

— Attenção! disse elle aos seus homens.

Immediatamente puzeram-se todos a postos.

O carro se aproximava ao passo dos cavallos; avistava-se na boléa o vulto do cocheiro e o de um camarada que elle provavelmente conduzia para a estação.

Louvet contrahi o sobr'olho.

Não podia ser aquelle cuja volta elle aguardava, e se dispunha a sahir do escondrijo, quando uma vigorosa chicotada espartou repentinamente os cavallos, que partiram a todo o galope.

— Oh! oh! exclamou o velho; isto é muito significativo... o barão é um *vivorio*! Ao que parece, desconfia, e quiz vêr... e viu! E' um malogro.

E, voltando se para os seus homens:

— Vão embora! disse com voz que a derrota não conseguira alterar; nada mais temos que fazer aqui, e podem recolher-se. Unicamente fiquem dous homens nestes arredores, e ao menor signal, rua de Jerusalém... Percebem? No mais, sejam felizes, e até amanhã!

Os homens dispersaram-se, dirigindo-se cada um para seu lado, sem se importarem com o malogro de Louvet.

Este, aliás, não se mostrava muito contrariado e esperava ser mais feliz para outra vez...

O carro que levava Didier corria com tal velocidade, que alcançava o Arco do Triumpho quando Louvet sahia do palacete.

Didier não havia proferido uma palavra durante o trajecto, tão preocupado estava. Uma vez, porém, chegando ao Arco do Triumpho, o cocheiro parou os animaes e voltou-se para o seu freguez com ar de pronunciada satisfação.

— Então! disse, piscando o olho; que diz o freguez?

— Digo, respondeu Didier, que é simplesmente maravilhoso.

— Vê o senhor? Não conhecem os cavallos dos carros de aluguel. Corriam que nem um raio! Que carantonha fez o velhinho que estava trepado no muro!

— Então viste-o?

— Se o vi!... Mas nada tenho com isso... Vamos a saber... que devemos fazer agora?... o dia começa a despontar... e não seria prudente...

— Conheces por aqui algum botequim onde possamos conversar?

— Conheço..

— Os teus cavallos poderão descansar...

— E enquanto elles descansarem, eu te farei uma proposta...

— Pois vamos!...

O carro pôz-se de novo a caminho, atravessou algumas ruas, e afinal parou em frente a uma tasca de pessima apparencia.

Dez minutos depois, estava Didier sentado a uma mesa em companhia do seu cocheiro.

Para Didier, que era então vigiado, a vida ia tornar-se difficil, e mil obstaculos deviam erguer-se em breve entre elle e o fim que tinha em vistas.

Cumpria, portanto, redobrar de astucia e não se deixar surprender.

Como se houve elle?

O que podemos affirmar é que, por cerca das nove horas da manhã, o carro tornava a partir, descia até á ponte da Concordia, que atravessava, e se dirigia para a rua de la Harpe, seguindo pelo caes.

O cocheiro ia fumando tranquillamente o seu cachimbo na boléa.

Dentro do carro, um homem corpulento, de cabellos corridos, soças ruivas, ostentava a sua robustez nos coxins.

Batiam dez horas quando o carro parava em frente á casa onde morava Francina.

O homem corpulento apeou-se, fez um signal ao cocheiro e entrou no corredor.

Subiu os cinco andares da casa... e foi bater á porta do sótão de Francina.

Francina estava então no aposento da viuva Dumont. Ouvindo bater á sua porta, acudiu.



— Por quem procura o senhor? perguntou sem reconhecer Didier.

— Pela senhora, minha filha, respondeu este ultimo; então não me reconhece? tanto melhor!

— O Sr. barão de Lorsay! exclamou admirada Francina.

— Não se assuste. O trajo que visto agora me é tão indispensavel hoje como me era hontem aquelle com que vim vê-la.

— Esteve com Gontran?

— Estive, minha filha; fallei-lhe, e é por isso que estou presentemente aqui.

— Mas o seu ferimento?

— Está quasi curado.

— Oh! quanta gratidão lhe devo!

Didier sorriu-se.

— Não deve agradecer senão a Deus, que permittiu fôsse leve o seu ferimento; tenho, porém, outra cousa que lhe dizer.

— Oh! diga... diga...

— E' preciso que a senhora vá daqui a pouco... sem falta, está ouvindo?... ao palacete d'Orvado.

— Eu! para fazer o que?

— E' necessario que falle a Julieta, a Gontran e ao doutor...

— Ao Dr. Roberto?

— Ao Dr. Roberto principalmente.

— E que lhe devo dizer?

— Deve dizer-lhe que esteve comigo; que, apesar da minha ausencia, confio nelle, e que, se elle faltar á promessa que me fez, terá occasião de arrependerse cruelmente. Lembrar-se-ha bem destas palavras?

— Póde estar descansado. Mas o senhor vai partir?

— Estou sendo perseguido.

— O senhor?

E Francina ia talvez encher-o de perguntas, quando a idéa de que podia tornar-se indiscreta conteve-a.

— Oh! não se assuste, minha filha, disse Didier sorrindo-se; a senhora é moça, affavel, dedicada, e inspira-me não sei que santa confiança. Um dia lhe hei de contar a minha triste historia, e comprehenderá então que terriveis desgraças podem ás vezes neste mundo destruir a vida de um homem honesto. Não é, porém, occasião para semelhantes confidencias, e não quero contristal-a mais. A senhora estava, creio eu, com a viuva Dumont?...

— Sim, senhor.

— Ella está doente?

Francina pôz as mãos.

— Está a morrer, Sr. barão, respondeu suffocando um soluço. Se o senhor a tivesse visto esta noite... acreditei que morreria... Deus meu!... e Sacco-de-Gêssó que não apparece!... Se elle soubesse que sua mãe está doente, estaria aqui ha muito tempo. Mas onde está elle?

— E se eu o trouxesse?

— Ah! se o senhor fizesse isso...

— Vou tentar...

E Didier dava já um passo para a porta... Francina deteve-o.

— Uma palavra! disse. Ignoro quando o senhor

poderá voltar... e no emtanto posso ter necessidade de lhe fallar.

— Pensei nisso, respondeu Didier, e é preciso que Deus me inspire bem grande confiança na senhora para que eu lhe falle como estou fallando. Uma unica pessoa em Pariz conhecerá o meu retiro, e é a essa pessoa que lhe peço se dirija.

— Onde mora?

— Na rua Soly.

— Como se chama?

— A Sra. Germana.

Ouvindo esta resposta, dada em tom simples e natural, Francina deixou escapar uma exclamação de surpresa.

— Que é? perguntou Didier, olhando admirado para ella.

— Nada... nada... respondeu Francina perturbada.

— Acaso conheceria a tia Germana?

— Não, senhor... mas tenho-a visto algumas vezes em casa da Sra. Dumont, que de tempos a tempos ella vem visitar.

Didier não respondeu; olhou, porém, para Francina com profunda emoção.

## XXII

No dia seguinte, logo ás oito horas da manhã, Sacco-de-Gêssó foi postar-se, em companhia de Polichinello e do conde des Aiglades, em uma tasca situada na rua de la Harpe, em frente á casa habitada por Francina.

A mesa a que elles estavam se achava collocada junto á janella. Um canto da cortina tinha sido levantado, e desse modo podiam vêr tudo quanto entrava na casa de Francina ou della sahia.

O garoto estava agitado e sombrio.

Bebia machinalmente o que lhe deitavam no copo... mas era facil notar-se que o seu pensamento estava em outra parte, e que uma grande preocupação pesava-lhe no espirito.

De repente Polichinello tocou-lhe no cotovello.

— Ahi está Francina! disse-lhe em voz rapida.

O rapaz sacudiu a cabeça, como para repellar os primeiros vapores da embriaguez, e seu olhar mergulhou na rua.

Era, com effeito, Francina.

A mocinha estava trajada com extremo cuidado e delicado asseio.

O rapaz, porém, não notou senão uma cousa: era que ella estava pallida e os seus olhos vermelhos. O coração se lhe confrangeu.

— Vamos! mais um gole! disse Polichinello enchendo-lhe o copo.

Sacco-de-Gêssó levantou-se.



Naquelle momento sentia elle os effeitos de extraordinaria sobreexcitação nervosa... uma especie de fatalidade, a que lhe era impossivel resistir, impellia-o para a frente.

Sahiu da tasca... atravessou a rua e alcançou a casa de Francina.

— Custou!... disse Polichinello ao vel-o desaparecer; creio, porém, que a cousa está feita.

— Aonde irá elle ter comnosco?

— No palacete.

— E agora que vamos fazer?

— Emquanto esperamos, Sr. conde, vamos á rua Soly, afim de vêr que mysterio é esse que para alli attrahe Francina.

Entretanto Sacco-de-Gêssó tinha entrado no corredor, e, a passo que procurava tornar firme, passára pelo cubiculo da porteira sem parar.

Ia elle ganhar os primeiros degrãos da escada, quando ouviu uma voz que o chamava.

Voltou-se.

A porteira estava á entrada do seu cubiculo.

— E' você, Sr. Sacco-de-Gêssó? perguntou ella em tom que pareceu estranho ao rapaz.

— Sou eu, sim!... respondeu elle. Tem alguma cousa que me dizer?

— Oh! não!... mas, como ha muito tempo que o não vejo...

— E dahi?

— Pensei... que você talvez não soubesse...

— Não soubesse o que?

A porteira não respondeu; mostrava-se enleada, e parecia que os seus olhos evitavam o olhar interrogador do rapaz.

— Você, disse ella afinal, não tinha noticias de sua mãe... não sabia que ella estava doente?

— Doente! minha mãe?... exclamou Sacco-de-Gêssó recuando um passo.

A porteira viu-o tão atordoado que não se atreveu a dizer mais.

— Você não fallou então com Francina? balbuciou ella no entanto.

— Francina?... acabo de vel-a... agora mesmo...

— E ella não lhe disse nada?

— Nada...

— E' singular.

— Mas então o que ha?

E, como a porteira se conservasse calada diante delle, absorta, indecisa, o rapaz fez um gesto de impaciencia, precipitou-se para a escada e pôz-se a galgar os degrãos quatro a quatro.

A porteira era tagarella... elle bem o sabia.

Mas era tambem rabugenta, aspera, intratavel; e o que mais admiração lhe causava era que, havia cinco minutos, ella lhe fallava com uma brandura que não estava nos seus habitos.

Comquanto estivesse ancioso por conhecer a decifração daquelle enigma, quando chegou em frente ao sótão de Francina, não cuidou em ir mais adiante, e, tendo aberto a porta, penetrou no retiro da linda mocinha.

O aspecto desse interior acalmou-lhe um pouco a agitação, e mudou, momentaneamente, o curso de suas idéas.

Pôz-se de novo a pensar no verdadeiro fim de sua vinda, e começou a examinar com olhar inquieto todos os recantos do sótão.

Havia poucos moveis no retiro de Francina.

Uma mesa, algumas cadeiras, uma cama de noqueira e uma commoda.

Depois, aqui e acolá, umas insignificancias... fantasias de moça, reminiscencias de mais tenra idade.

De um lance de olhos Sacco-de-Gêssó abarcou tudo; mas o que assim se lhe offerecia ao olhar não podia ser o que elle procurava, e ao cabo de alguns instantes começou a revolver as gavetas...

Durou esta busca uma meia hora, pelo menos.

Não encontrou, porém, o menor vestigio de cartas...

Em que logar poderia Francina tel-as occultado?

De repente bateu elle na testa, como se lhe tivesse occorrido inesperada idéa.

— E' isso mesmo! disse elle consigo; como devia sahir hoje, confiou-as á minha mãe.

A aguafurtada da Sra. Dumont e a de Francina se communicavam entre si por uma porta, que haviam condemnado quando Sacco-de-Gêssó se tornou rapaz.

A porta era velha... a madeira estava carcomida; atravez das fendas se podia vêr.

Sacco-de-Gêssó aproximou-se cauteloso e olhou.

A principio não viu nada; pouco a pouco, porém, os objectos foram adquirindo fórma.

A primeira pessoa que elle avistou foi uma velha eufermeira que, reclinada em uma cadeira, dormia a somno solto.

Sacco-de-Gêssó conhecia-a perfeitamente; mas apenas concedeu-lhe um olhar.

Um outro quadro acabava de attrahir-lhe a attenção, e despertava-lhe inteiramente a curiosidade.

Ao lado da enfermeira havia uma mesa coberta com uma toalha branca.

Em cima da mesa viu elle um crucifixo de ebano.

E aos pés do crucifixo um copo com agua, em que estava embebido um ramo de buxo bento!

Havia, pois, uma pessoa morta na agua furtada!

((Continúa no proximo numero.))